



CORPO-DOCUMENTO E MAAFA NO CONTO "ROLÉZIM", DE GEOVANI MARTINS*

BODY-DOCUMENT AND MAAFA IN "ROLÉZIM", A TALE BY GEOVANI MARTINS

Aza Njeri¹
Janda Montenegro²

Resumo: Este artigo propõe uma análise crítico-literária do conto "Rolézim", de Geovani Martins. Teremos como direcional o conceito de "corpo-documento", de Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 2018; RATTS, 2006). Desse conceito, elucidaremos como, no conto, os corpos negros sentem as consequências da Maafa (ANI, 1994; NJERI, 2020); para tal, nos alicerçaremos nos estudos sobre o papel do arquétipo do "Senhor do Ocidente" (QUIJANO, 2005; NJERI, 2020); e sobre a homogeneização alienadora do *Outro*, em que o epistemicídio (CARNEIRO, 2005; SANTOS; MENESES, 2009) é posto em prática, apagando ou se apropriando as contribuições civilizatórias negras na história da humanidade. Assim, apontaremos em "Rolézim", como a literatura registra a identidade e sobrevivência na Maafa desse "corpo-documento".

Palavras-chave: Literatura negra. Maafa. Literatura brasileira. Corpo-documento. Geovani Martins.

Abstract: This article proposes a critical and literary analysis of the tale "Rolézim", by Geovani Martins. For that, we'll have as direction the concept of "body-document", by Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 2018; RATTS, 2006). From this concept, we'll clarify how, in the tale, black bodies feel the consequences of Maafa (ANI, 1994; NJERI, 2020); for that we base our studies on the role of the archetype the "Lord of the West" (QUIJANO, 2005; NJERI, 2020); and on the alienate homogenization of the *Other*, in which the epistemicide (CARNEIRO, 2005; SANTOS; MENESES, 2009) is put into practice, erasing or appropriating of black civilization contributions in human history. In this article we aim to point in "Rolézim" how literatura registers the identity and the survival of this "body-document" in Maafa.

Keywords: Black literature. Maafa. Brazilian literature. Corpo-documento. Geovani Martins.

¹ Aza Njeri é doutora em Literaturas Africanas, pós-doutora em Filosofia Africana, professora da do Departamento de Letras da PUC-RJ e pesquisadora de África e Afrodíaspóra. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0307-1467>. E-mail: contatoazanjeri@gmail.com.

² Janda Montenegro é doutoranda em Literatura Brasileira/NIELM-UFRJ, escritora, pesquisadora das literaturas de autoria feminina contemporânea negras e indígenas. Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7622-771X>. E-mail: jandamontenegro@letras.ufrj.br.

* Artigo recebido em 18 de junho de 2022. Aceito para publicação em 02 de novembro de 2022.

Pintando o cenário: introdução e apresentação teórica

Penso quantos sóis
Se apagou em nós
Quantos de nós
Se desfizeram, se pôs sem esperança
De voltar a brilhar – “Sóis”, Thiago Jamelão

A Literatura é agente de construção semiótica, e tanto reflete a sociedade em que está inserida, quanto funciona como ferramenta de difusão cultural no tempo presente e no tempo futuro. Através dela histórias são contadas, ideias são passadas, pensamentos são construídos. Historicamente, as narrativas que vinham e vêm sendo publicadas em território brasileiro não incluíam (e ainda pouco incluem) protagonismo negro, nem tampouco os meios editoriais eram abertos à publicação desses autores. Foi somente após a virada do milênio – mais especificamente na década de 2011-2021 – que a literatura não hegemônica (produzida e escrita por pessoas negras, indígenas, LGBTQIAP+, entre outros) começou a ser mais amplamente escrita, publicada, lida e difundida. Deste período, destacamos para nosso ensaio o livro *O sol na cabeça*, coletânea de contos de estreia do escritor carioca Geovani Martins, à época do lançamento, 2018, com apenas 27 anos.

Este artigo é fruto das discussões provocativas que nós, autoras, tivemos ao longo de uma longa amizade acadêmica em que uma – dra. Aza Njeri – vem desenvolvendo pesquisas sobre Literaturas, Cultura e Negritude no Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre África e Afro-Diásporas vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras PUC-Rio, e a outra – Janda Montenegro – em processo de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira no departamento de Letras da UFRJ, pesquisa as Literaturas Brasileiras contemporâneas negras e indígenas. Das leituras das produções literárias contemporâneas brasileiras – entre 2011 e 2021 –, nós começamos a perceber a localização dos corpos negros no território brasileiro na ficção produzida por autores negros e as formas como suas experiências são refletidas na composição literária, seja na temática, seja como elemento catalizador dos acontecimentos no enredo.

A partir de nossas observações, somos instigadas a contribuir para os *Estudos Africanos* (KARENGA, 2009; HOUNTONDI, 2008), os Estudos Decoloniais (SANTOS; MENESES, 2009), Estudos Contra-Coloniais (BISPO, 2015) e os Estudos Afrocêntricos (ASANTE, 2009); para tal, nos afastamos da perspectiva disjuntiva observador x observado – um olhar externo de uma experiência da outridade – comum à práxis ocidental, para confluirmos (BISPO, 2015) numa perspectiva teórico-prática em direção ao pensamento complexo (MORIN, 2015) nas análises

que partem das experiências do Sul, para de fato nos debruçarmos ao conteúdo literário produzidos pelos autores brasileiros contemporâneos, particularmente no conto “Rolézim”, de Geovani Martins (2018).

Devemos considerar, ainda, o conceito de diáspora em nossa reflexão, que abarca na categoria africanos – tanto os nascidos no continente, quanto nas pluri-diásporas afrodescendentes –, que cultural e historicamente são herdeiras legítimas de África fora dela. A União Africana – organização internacional que promove a integração em diferentes aspectos entre os países do continente africano –, reconhece e legitima as diásporas adotando-as, ainda, como o sexto território de África, e o Brasil acatou esta decisão e se comprometeu em trabalhar nessa parceria, já que somos a maior dentre todas as diásporas africanas do mundo (ITAMARATY, 2013). Portanto, entendemos os afro-brasileiros como pertencentes ao escopo político de africanos da diáspora brasileira, considerando o impacto direto da rota negreira e o desembarque dos negros nos diferentes territórios da América.

Dialogando com esta perspectiva, buscamos a base referencial de Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 2018; RATTS, 2006) e do conceito de “corpo-documento” para investigar inscrições do corpo negro no conto “Rolézim”, de Geovani Martins (2018). A historiadora compreende que ao serem sequestrados e desembarcados nas Américas para o início da desumanização negra – ou da Maafa (ANI, 1994) –, os africanos portavam o corpo, a palavra e seus valores civilizatórios (NJERI, 2019; 2020), sendo que o corpo é político e circunscreve a memória, ao mesmo tempo que reivindica poder:

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias. O corpo é igualmente memória. Da dor – que as imagens da escravidão não nos deixam esquecer, mas também dos fragmentos de alegria – do olhar cuidadoso para a pele escura, no toque suave no cabelo enrolado ou crespo, no movimento corporal que muitos antepassados fizeram no trabalho, na arte, na vida. Um golpe de cabeça, um jeito de corpo para escapar dos estereótipos, dos preconceitos e do racismo explícito. Um jeito de corpo para entrar nos lugares onde negros não entram ou ainda são minoria desigual (RATTS, 2006, p. 68).

A essa experiência de dor e desumanização iniciada com a escravidão, damos o nome de Maafa (ANI, 1994), isto é, um fenômeno de poder construído pelo sistema ocidental que se inicia com a invasão do continente africano para fins de dominação e passa pelo sequestro, embarque, travessia, desembarque, leilão, escravidão, pós-escravidão, favelização, guetificação, imigração e, atualmente, o genocídio da população negra contemporânea com seus múltiplos tentáculos (NJERI, 2019; 2020).

Maafa é, desta maneira, o processo de sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, além do surgimento forçado da afrodiáspora. Este termo foi cunhado por Marimba Ani (1994), e corresponde, em Swahili, à “grande tragédia”, à ocorrência terrível, ao infortúnio de morte, que identifica os 500 anos de sofrimento de pessoas de herança africana através da escravidão, imperialismo, colonialismo, apartheid, estupro, opressão, invasões e exploração (NJERI, 2019, p. 7).

Importante frisar que a Maafa existe para os corpos negros africanos e afrodiáspóricos, cada um com seus atravessamentos singulares de territórios e culturas, mas todos pautados pela necropolítica (MBEMBE, 2019) e pelo genocídio e suas facetas que vão da morte física ao epistemicídio (SANTOS; MENEZES, 2009; CARNEIRO, 2005). Desta forma, interessa verificar como o corpo negro documenta a sua trajetória em Estado de Maafa (NJERI; AZIZA, 2020) na literatura brasileira, e a escolha do conto “Rolézim” se dá pela atualização do Estado de Maafa – em que o protagonista negro se desloca da favela em direção à praia e, no trajeto, comenta situações em que ele e seus amigos já passaram nas quais seus corpos foram observados, controlados e desautorizados por agências controladoras de poder, tais como “os playboys” e a polícia –, mostrando como o racismo estrutural social estica seus tentáculos nos espaços urbanos ao guetificar e localizar os corpos negros nas favelas e não recebê-los em outros espaços, como a praia pública.

O Estado de Maafa é, portanto, a experiência contínua de desumanização criadora de males psíquicos, comportamentos autodestrutivos e desorganizadores da comunidade, além de facilitar a execução do Monstro do Genocídio (NJERI; AZIZA, 2020). Ao mirar o conto “Rolézim” de Geovani Martins parece-nos bastante frutífero verificar essa circunscrição na construção do protagonista, apontando não apenas a estética, mas sobretudo verificando sua subjetividade e interação com a comunidade.

De repente, autor

Escrevo o que é tá na calada pra cantar no amanhecer
Tô tipo o Buda, analiso pra não perder na raiva
Cultivando fé no amor, tô na razão pra não ceder.
“Herança”, Drik Barbosa

Nascido no bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, Geovani Martins é um jovem escritor cujo primeiro livro, *O sol na cabeça*, foi lançado em 2018 pela editora paulistana Companhia das Letras. Tendo estudado formalmente até apenas a oitava série, a biografia de Geovani acompanha a história que muitos afrodescendentes brasileiros enfrentam: o abandono escolar, a vida nas favelas,

a subempregabilidade, a mudança constante de residência por fatores externos à própria vontade. Assim, Geovani sai de Bangu para a Rocinha, em seguida para a Barreira do Vasco e, por fim, se estabelece no Vidigal, favela da zona sul carioca imbricada entre os bairros do Leblon e São Conrado, com uma das melhores vistas da cidade e próxima a duas praias.

Mesmo sem ter avançado nos estudos do ensino médio, Geovani escreveu seu próprio livro. Em um apanhado de treze contos, o autor desdobra sua narrativa através das experiências do homem jovem e negro no Rio de Janeiro, que circula nos espaços periféricos da capital fluminense e cuja presença em determinados espaços circunscritos socialmente engatilha experiências violentas aos personagens. Desobrigando-se do uso da língua portuguesa formal, sua literatura desenvolve-se através da língua brasileira falada nas ruas, despreocupada de concordâncias e normas gramaticais (que, em âmbito literário, historicamente serve como mecanismo de controle das literaturas socialmente aceitas para publicação ou não).

Nesse sentido, identificamos em sua escrita a presença do Pretuguês (GONZALEZ, 1988), isto é, marcas de africanização do português falado no Brasil principalmente a partir de influências de línguas africanas bantu como o Kikongo e o Kimbundo. Linguisticamente chamada de criolização (GONZALEZ, 1988; 2018), essa experiência ocorre também no espanhol, francês e inglês presentes nas Américas atribuindo caráter tonal e rítmico para tais línguas.

Neste caso, acreditamos que o uso da língua obedece não apenas a agência e localização negras (ASANTE, 2009), mas, sobretudo, para a percepção de que ela é reflexo e reflexão filosófica de experiências culturais. Assim, contrariando a norma, o pretuguês registra uma outra perspectiva de comunicação, que não têm em sua agência a obediência à gramática, porque, acima dela, existe o Viver, como destacamos do texto:

Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola. Quando não dava mais pra aguentar o calor, fui gastar minha onda na água. Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, ficava marolando rodando o corpo todo até a onda me deixar na areia. Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo de baixo da água, mó perrengue! (MARTINS, 2018, p. 15).

O português/pretuguês (GONZALEZ, 1988), no conto, é utilizado como instrumento potencializador, como localizador desta experiência cultural negra e como recurso estético-literário: “Ai quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu” (MARTINS, 2018, p. 13) e “Foi ai que rolou o caô” (MARTINS, 2018, p. 15). Há, ainda, a utilização de vocábulos e expressões específicos relacionados ao universo das drogas:

Só um sedanapo com os amigo da barraca que tava com a intenção de dar um dois com nós. Foda é que ninguém mais quer saber de napo, bagulho agora é só smoking. Antigamente vagabundo fumava até na folha de caderno, no papel de pão. Agora é essa memeia. Ganhei pro calçado e estourei a boa: arrumei foi uma da vermelha. Tu tá ligado que se apertar no talento dá até para cortar no meio e fazer duas. Os menó ficaram de bobeira comigo (MARTINS, 2018, p. 13).

A língua portuguesa utilizada no conto seleciona, também, expressões da cultura de violência na qual os jovens personagens estão inseridos, localizando esses personagens geográfica, cultural, temporal e linguisticamente:

Pior que foi tranquilão pra arrumar a seda, pedi para um rasta que tava vendendo pulseira de reggae. Maluco responsa, me salvou até um cigarro! Me deu o papo pra ficar na atividade, que os vermes tava de maldade naqueles dias. Mataram um boliviano na areia, aí os cana tava sufocando na praia, com medo de morrer mais gente, se pá até um morador ou um gringo, e aí ia dar merda braba, tá ligado? Manchete no jornal *Balanço Geral*, esses caô (MARTINS, 2018, p. 14).

Vale ressaltar o caráter racista linguístico (NASCIMENTO, 2019) em nossa sociedade que, espelhada no modelo civilizatório ocidental, considera literatura aquilo que atende ao cânone linguístico, recaindo ainda no epistemicídio. Desta forma, reivindicar o pretuguês para a literatura não é apenas um exercício de representatividade, mas sim uma forma de luta antirracista e antimaaafa que coloca os falares criolizados como centro de expressão artística e os valida.

Este traço, que até o fim do milênio vinha sendo enxergado como motivo de descarte das literaturas candidatas à publicação, a partir da década 2011-2021 passa a ser elemento diferencial, atrativo, utilizado pelas grandes editoras, colocando os novos escritores negros das primeiras décadas do século XXI como algo exótico. Não à toa o texto, publicado pela Companhia das Letras, foi entregue a dois artistas brancos para compor as frases de publicidade na orelha do livro, onde se lê “Geovani pula da oralidade mais rasgada para o português canônico como quem respira. Uma nova língua brasileira chega à literatura com força inédita”, segundo o cineasta João Moreira Salles (inédito para quem, se é a língua falada pelo povo carioca nas ruas?); e “Fiquei chapado”, disse o músico Chico Buarque – uma evidente estratégia de marketing para tornar o livro de Geovani aceito no meio intelectual-acadêmico branco dominante no mercado editorial. Naquele mesmo ano, Geovani foi convidado a participar da FLIP – Festa Literária de Paraty como uma das atrações principais.

Em seu ensaio “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença” (LORDE, 2019) a pesquisadora e ativista estadunidense Audre Lorde aponta como se dá a dinâmica de poder referente aos cidadãos sob a égide ocidental.

Grande parte da história da Europa ocidental nos condiciona a ver as diferenças humanas segundo uma oposição simplista: dominante/subordinado, bom/mau, no alto/embaixo, superior/inferior. Em uma sociedade onde o bom é definido em termos de lucro e não em termos de necessidade humana, há sempre um grupo de pessoas que, por meio de uma opressão sistematizada, é obrigado a se sentir supérfluo, a ocupar o lugar inferior desumanizado. Dentro dessa sociedade, esse grupo é composto por negros e pessoas do Terceiro Mundo, trabalhadores, idosos e mulheres (LORDE, 2019, p. 239).

No conto “Rolézim” podemos ler, na prática, como o exercício de controle de poder dominante/subordinado se dá para o protagonista a partir do momento em que ele e seu grupo finalmente alcançam o objetivo de chegar na praia: o pouco tempo em que ele pode desfrutar de um mergulho no mar rapidamente se esgota quando, ao sair da água, ele encontra seu grupo em estágio de tensão por se sentir observado – e, portanto, virtualmente intimidados – por simplesmente estarem ali.

Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá. Sei é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é! (MARTINS, 2018, p. 12).

Refletindo sobre a localização e somatizado ao conteúdo do conto “Rolézim”, é urgente questionarmos qual o papel do Ensino da Literatura para a manutenção desta agenda, pois diante da Maafa e desumanização radical, interseccionam-se os mais diversos atravessamentos de gênero, raça e classe, tanto dentro quanto fora do texto literário. Não é de hoje que se vem apontando a necessidade de estratégias que despertem o interesse e tragam, principalmente os mais jovens, para o campo da leitura e da escrita. Por isso, compreender os aspectos políticos, estéticos e semióticos de uma genuína história é essencial para este alcance. A Literatura é construtora de criticidade e nos ajuda a enfrentar por meio de suas construções e narrativas as encruzilhadas das nossas vidas. Afinal, a literatura musculariza a nossa inteligência!

Quem tem direito ao “Rolézim”?

Desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
Cê cresce achando que cê é pior que eles
Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo. Ladrão. - “Ha-
t-Trick”, Djonga.

“Rolézim” descreve a saga de um jovem rapaz negro morador de uma favela no Rio de Janeiro que está pensando em ir para a praia. Seria uma história comum, que talvez nem desse em livro, não fosse o fato de esse protagonista ser um jovem rapaz negro tentando ocupar momentaneamente um espaço geográfico-social da cidade onde ele não é bem-vindo. Entre a tomada de decisão e o retorno para casa, muitas coisas acontecem. Longe de romantizar, como o fazem as histórias centradas na jornada do herói, no conto, a crueza da realidade do protagonista é apresentada já na primeira frase: “Acordei tava ligado o maçarico!” (MARTINS, 2018, p. 09).

De uma forma dinâmica, como num fluxo de pensamento, somos apresentados a um panorama da Maafa (NJERI, 2020, ANI, 1994) que circunda esses corpos-documentos na ida à praia, e que costura toda a narrativa. Acompanhamos jovens negros e favelados driblarem os problemas de escassez de recursos, calor, violência e racismo – experiências da Maafa –, a partir de estratégias oriundas das próprias experiências Culturais. Em cinco palavras, adentramos no início do texto na realidade do protagonista que, com calor, decide ir à praia – dar um rolézim –, mesmo tendo apenas dois reais disponíveis. Para tal, o personagem se vale de sua experiência como morador periférico e negocia a ida ou a volta gratuita da viagem de ônibus com o motorista, entrando pela porta de trás ou pulando a catraca.

O próprio título do conto “Rolézim” funciona como índice semiótico, pois utilizando os três poderes da Arte – Político, Poético e Pedagógico (NJERI, 2020) –, verificamos seus plurisignificados: (i) Rolézim é uma gíria utilizada pelos jovens de periferias e favelas oriunda de expressões anteriores como “dar um rolê” ou “dar um rolezinho”. Todas elas significam passear pelos espaços urbanos, divertir-se; (ii) a prática dos Rolézim se fortaleceu na virada da década de 2010, principalmente com a expansão do acesso à internet e redes sociais, que possibilitou que jovens de diversas áreas da cidade se organizassem e se mobilizassem para esses passeios que ocorriam em espaços elitizados, principalmente shopping centers; (iii) a reação social do espaço urbano à presença dos corpos-documentos em prática de Rolézim escancara o racismo estrutural e estruturante do Brasil e a ação da polícia – agentes da manutenção do *status quo* (FANON, 2005) – reafirma esse lugar de manutenção da segregação social que interdita o trânsito livre desses corpos nestes e em qualquer espaço, público ou privado, como vemos no conto; (iv) no conto Rolézim a centralidade da experiência de Maafa parte dos próprios corpos-

-documentos subalternizados pelo modelo social; narrado em primeira pessoa, o conto parte do protagonista para refletir o entorno e as vivências comuns a pessoas como ele – seus vizinhos, amigos, parentes.

Intercalando relato pessoal e muita digressão, o protagonista faz uma análise crítica do seu Estado de Maafa (NJERI, 2020), isto é, da práxis contínua de desumanização em diversos níveis que pessoas afrodescendentes experienciam sob a égide do modelo ocidental branco, patriarcal, capitalista, neoliberal e dominador, do qual o Brasil também performa, mesmo que capengamente:

Ninguém queria pedir pros maconheiro playboy lá da praia, tudo mandadão, cheio de marra. Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu. É foda (MARTINS, 2018, p. 12).

O narrador apresenta uma lucidez estratégica própria de pessoas que vivem a violência de forma cotidiana e que negociam ininterruptamente suas existências com o Monstro do Genocídio (NJERI, 2020), criatura tentacular que executa a agenda de extermínio desses corpos-documentos utilizando-se de diversas faces: morte física, psicológica, nutricional, epistemicídio, racismo religioso, encarceramento em massa, racismo ambiental, insegurança, feminicídio, violência obstétrica, sistema previdenciário, sistema de saúde, perda identitária entre outros.

Operação mesmo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean. Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó erra bom. Só queria saber de jogar o futebol dele, e jogava fácil! Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do Madureira, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida. Pronto! Tava feito! Mó saudade daquele filho da puta, na moral. Até no enterro o viado tirou onda, tinha umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele. Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. Tem mais é que encher esses cu azul de bala. Papo reto (MARTINS, 2018, p. 11-12).

A desumanização secular de corpos negros introduzidos violentamente no mundo ocidental por meio do sequestro escravocrata cria fissuras ontológicas que provocaram um descarrilamento civilizatório desses africanos e seus descendentes, do qual nos fala o psicólogo Wade Nobles (2009):

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso)

humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (NOBLES, 2009, p. 284).

Essa continuidade descarrilada que negros experienciam como vida nas Américas causa uma série de males psíquicos e comportamentos autodestrutivos, tais como os retratados no conto em relação o uso e abuso das drogas:

A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô era que ele queria ficar morgando em casa invés de partir com nós. Teco é maluco. Até parece que ia conseguir dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranqüilão, só palmeando as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança. Ele disse que deixava um baseado com nós, mas que ia marcar em casa mermo. Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar ele a dar um belengo pra ficar na atividade. Acho que era isso mermo que ele queria, um parceiro pra meter o nariz com ele, pra não ficar sozinho na onda. Oprimido. Esses moleque gosta muito, papo reto, nunca vi! Dez da manhã, um sol da porra, e eles metendo a nareba (MARTINS, 2018, p. 09).

Em “Rolézim” o uso da droga é presente na vivência dos personagens. Desde o momento em que o protagonista decide ir à praia até sua saída do local, toda a experiência vivida por ele é envolta pela recorrência de substâncias tóxicas – maconha, cocaína, loló – seja através de eventos diretos no conto, seja através de digressões referindo-se a momentos passados. Na ficção, o protagonista comenta como o seu entorno é circundado por uma gama de opções de elementos psicoativos, consumidos por seus amigos, mas que ele mesmo, por causa de uma conversa com seu irmão, revela interessar-se apenas por maconha, não por substâncias fabricadas laboratorialmente. O irmão, a partir do trauma de ter perdido um grande amigo por overdose de droga sintética, o chama para conversar sério em um canto, transmitindo-lhe suas angústias, seus medos, sua experiência e, acima de tudo, seu conselho para que o protagonista se mantenha distante das drogas. É de fundamental importância destacar que em um conto como “Rolézim”, geolocalizado em uma favela carioca e com um protagonista jovem e negro, o autor preocupa-se em apontar, mesmo em um ambiente cercado pelo epistemicídio, a importância do mais velho, da família, do aquilombamento (NASCIMENTO, 1980) como pilar essencial na constituição de exemplos e modelos positivos de vida, que funcionam, na prática, como estratégias de interrupção do ciclo vicioso da violência aos corpos negros.

Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou pra queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. Tava pancadão na bike, se pá até indo de missão comprar mais, quando caiu no chão. Já caiu duro. Overdose. Tinha a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois! Nunca tinha visto meu irmão daquele jeito, eles era fechamento mermo. Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. Sem contar os neguim que já rodaram com parada cardíaca porque se derramaram na loló (MARTINS, 2018, p. 10).

Esse valor aquilombado também se expressa na familiaridade afetiva em que se utiliza os nomes sociais e vulgos das personagens, cujas recorrências são tipicamente encontradas na cultura de favela: “Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco” (MARTINS, 2018, p. 09-10). Assim, no texto literário de “Rolézim” apresenta-se um falar oralizado, com expressões baseadas nas escriturais (EVARISTO, 2003) dessas pessoas, criando incômodo e até dificuldades de leitura para os leitores mais puristas da literatura alheios à cultura oriunda da localização dos personagens do conto. E a cultura e religiosidade periféricas dão o tom da narrativa: “Mentalizei seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias” (MARTINS, 2018, p. 16).

Compreendemos, portanto, que o uso do pretuguês, as experiências do corpo-documento do protagonista, a cultura e a religiosidade periféricas, o refúgio nas drogas funcionam como estratégias utilizadas por Geonavi Martins para a resistência à Maafa de seu personagem-narrador, que num espelhamento da literatura na vida, ganha camadas profundas, funcionando como inspiração àqueles personagens reais que também se encontram em similar Estado da Maafa.

O corpo-documento negro na Maafa em “Rolézim”: conclusões na literatura

A carne mais barata do mercado é a carne negra.
“A Carne”, Elza Soares

A Maafa radical que vivemos no Brasil contemporâneo localiza e violenta corpos negros que inscrevem em suas memórias mentais e corporais o tolhimento desta imposição. O conto “Rolézim” expõe continuamente o cerceamento do ir e vir desses jovens negros favelados, o seu não-lugar na sociedade e a vulnerabilidade desses corpos diante dos pluritentáculos do genocídio, culminando, na parte final, no previsível encontro com a polícia, que repercute na esperável tentativa de abordagem policial e encerrando-se com a escapada épica do protagonista, correndo pelas ruas.

Com *O sol na cabeça*, Geovani Martins marca seu nome na literatura brasileira, espaço historicamente frequentado quase que restritamente por autores brancos. Seja pelas temáticas levantadas em sua seleção de contos, seja pela forma com que usa para contar suas histórias, Geovani demarca a literatura com um português falado nas ruas, trazendo para dentro de suas páginas as experiências dos corpos negros circulando por espaços nos quais nem sempre são bem-vindos e/ou autorizados a estar e, portanto, circunscrevendo as marcas da identidade afrodescendente neste país.

Através de sete páginas do conto “Rolézim”, é possível enxergar com clareza como o corpo-documento de um personagem negro é constantemente vigiado e controlado no espaço social, mas, apesar disso, o conto não foca em abordar diretamente a violência como temática: ela está ali como elemento influenciador na narrativa, porém, o centro da história é a jornada do protagonista em ir para a praia – passeio este cuja perspectiva negra ainda não havia sido abertamente abordada na literatura brasileira em publicação por uma grande casa editorial, e que faz toda a diferença na construção deste enredo.

O direito a um dia na praia se torna um desafio ao protagonista e seus colegas devido à imposição do Estado de Maafa em que eles se encontram. Assim, ao desafiar a Maafa escrevendo a história de um jovem negro que vai à praia, Geovani faz uso da literatura como ferramenta para quebrar o racismo estrutural social e romper o silenciamento de vozes e corpos negros em qualquer espaço, inclusive o literário.

Referências

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: África World Press, 1994. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/> Acesso em: 30 maio 2022.

ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade - uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. Disponível em: <https://speciesnae.files.wordpress.com/2015/05/mazama-asante-afrocentricidade.pdf> Acesso em: 30 maio 2022.

BISPO, Antônio. (Nêgo Bispo) **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: Ministério da Ciência e Inovação, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não Ser como fundamento do Ser Sueli Carneiro**. 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 17 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, 1988, p. 69-82.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para rosas negras**. São Paulo: Diáspora Africana UCPA, 2018.
- HOUNTONDI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 2008. p. 149-160. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/699>. Acesso em 17 maio 2022.
- ITAMARATY. **Documento final do Encontro de África e a Diáspora**. 2013. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/documento-final-do-encontro-de-africa-e-a-diaspora>. Acesso em 17 junho 2022.
- KARENKA, Maulana. A função e o futuro dos estudos africanos: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 333-359.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 239-250.
- MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- MORIN, Edgar. **Introdução do pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento: Intelectual e quilombola**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- NASCIMENTO, Elisa. L.; GÁ, Luiz Carlos(Org.) **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas 2009.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Brasília, UnB, n. 31, p. 4-17, mai.-out./2019. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. **Ítaca: Especial Filosofia Africana**. Rio de Janeiro, UFRJ, n. 36, p. 164-226. 2020. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895> Acesso em: 09 jun. 2022.

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. Entre a fumaça e as cinzas: o Estado de Maafa pela perspectiva da psicologia africana e o mulherismo africana. **Revista Problemata**. João Pessoa, UFPB, v. 11, n. 2, p. 57-80, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/53729> Acesso em 11 maio 2022.

NOBLES. Wade. “Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado”. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kwanzaa, 2006.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.